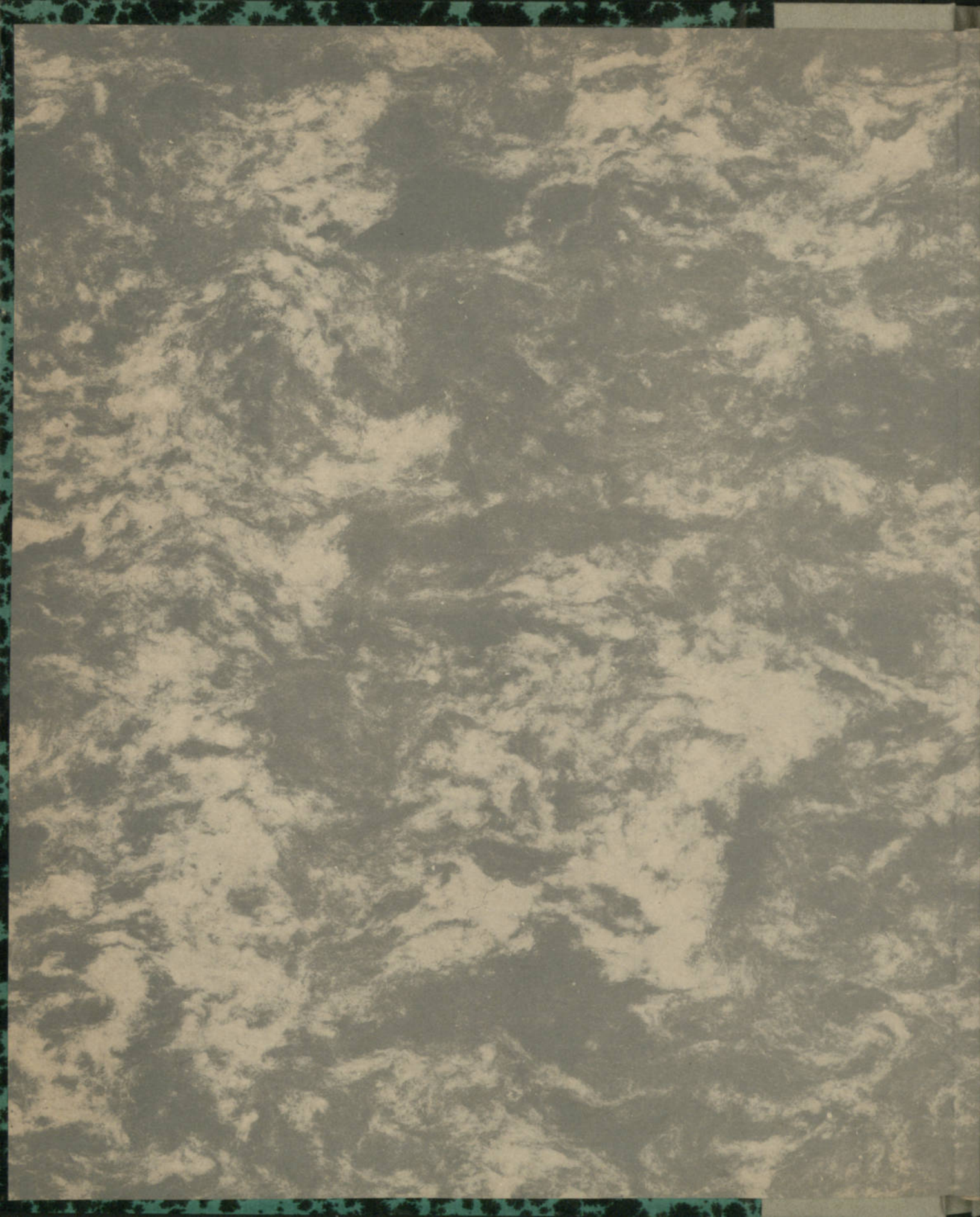
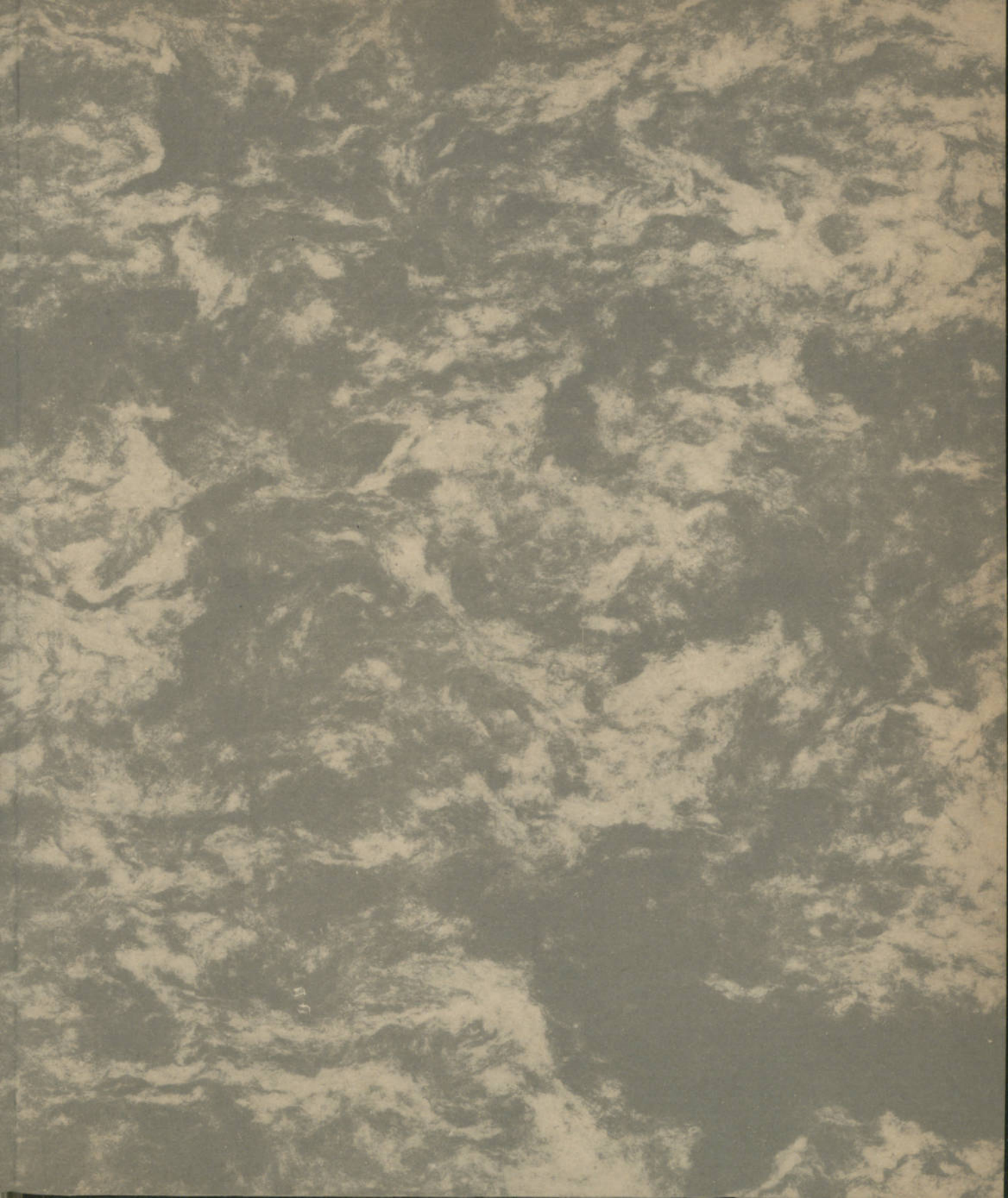


BN

2537

M





2538V  
M

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

*ESPECTÁCULO DE GALA EM HONRA  
DOS  
CONGRESSISTAS  
DO*

XVII CONGRESSO  
INTERNACIONAL DE OTO-  
-NEURO-OFTALMOLOGIA  
E DO  
I CONGRESSO NACIONAL  
DE MEDICINA TROPICAL

26 \* ABRIL \* 1952

~~137~~  
~~138~~

THE  
FEDERAL GOVERNMENT  
DEPARTMENT OF  
AGRICULTURE  
BUREAU OF  
PLANT INDUSTRY  
WASHINGTON, D. C.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

DIRECÇÃO DO  
MAESTRO PEDRO DE FREITAS BRANCO

BAILADOS VERDE-GAIO

REALIZAÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, COM A COLABORAÇÃO DA ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL, SOB A DIRECÇÃO DO MAESTRO J. SILVA PEREIRA

DIRECÇÃO ARTÍSTICA E COREOGRAFICA  
DE FRANCIS GRAÇA

PRIMEIRA BAILARINA SOLISTA: VIOLETTE QUENOLLE

PRIMEIRO BAILARINO-COREÓGRAFO: FRANCIS GRAÇA

1 9 5 2



M  
2534

~~RECEIVED~~

~~RECEIVED~~

DEP. LEG.  
R. 195225  
14 MAID 1952



PROGRAMA



1. FANFARRA — da suíte «Lisboa» ..... *JOLY BRAGA SANTOS*
2. VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA  
    ALENTEJANO ..... *JOLY BRAGA SANTOS*
3. NOCTURNO — da «Suite Colonial» *FREDERICO DE FREITAS*
4. D. JOÃO — poema sinfónico ..... *RICHARD STRAUSS*
5. MARCHA HÚNGARA ..... *BERLIOZ*

ORQUESTRA

INTERVALO

6. NAZARÉ ..... *FREDERICO DE FREITAS*

Argumento e coreografia de FRANCIS GRAÇA

Cenário e figurinos de JOSÉ BARBOSA

PERSONAGENS

Francisco Inácio .....	FRANCIS GRAÇA
Maria Loura .....	VIOLETTE QUENOLLE
Gertrudes .....	HELENA MIRANDA
Luzia .....	DÍDIA MARIA
Maria Cândida .....	HELENA JARDIM
Alzira Petinga .....	ERNESTINA DE CARVALHO
Zé da Luzia .....	FERNANDO ISASCA
Custódio Faneca .....	JOSÉ DE AZEVEDO
Toino .....	FERNANDO RODRIGUES
Manuel Peixinho .....	ANTÓNIO DE SOUSA

Nazarenas: *Maria Bernardette, Maria Clara, Maria Adelaide, Sara Antonieta, Idalina de Oliveira e Tália Vieira.*

Nazarenos: *Albino Morais, António Teixeira, Fernando Lucas, António José, João Coutinho, Manuel Gil e Manuel Sande.*

INTERVALO

7. O HOMEM DO CRAVO ... ARMANDO JOSÉ FERNANDES

Argumento de FRANCISCO LAGE

Coreografia de FRANCIS GRAÇA

Cenário e figurinos de MANUEL RODRIGUES

PERSONAGENS

Homem do forno .....	FRANCIS GRAÇA
Moça da aldeia .....	DÍDIA MARIA
Homem do cravo .....	JOSÉ DE AZEVEDO
1.ª Moça .....	ERNESTINA DE CARVALHO
2.ª Moça .....	HELENA MIRANDA

Moças da aldeia: *Sara Antonieta, Maria Bernardette, Maria Clara, Maria Adelaide, Helena Jardim, Idalina de Oliveira e Tália Vieira.*

Moços da aldeia: *Fernando Isasca, António de Sousa, Fernando Rodrigues, Albino Morais, António Teixeira, Fernando Lucas, António José, João Coutinho, Manuel Gil e Manuel Sande.*



# N A Z A R É

## ARGUMENTO

### PRIMEIRO QUADRO

#### Gente do Mar

*T*arde de sol, que começa a despedir-se. Reflexos vermelhos de poente. Na praia, preparam-se os utensílios da pesca. Homens e mulheres puxam um barco que chegou e as peixeiras vão-se aproximando, inconfundíveis com as suas cinturas estreitas e as ancas movediças como a areia que pisam. Conduzindo redes e remos, passam pescadores, a quem o som dos búzios chama para a próxima campanha.

O Zé da Luzia, encaminhando-se para o seu barco, encontra a Gertrudes, que há muito se lhe mete à cara e que hoje vem mais provocante do que nunca. Falam-se, trocam olhares que denunciam desejos e, quando se despedem, são interrompidos pela Luzia, mulher do Zé, que os surpreende abraçados. Corre para o seu homem, cobre-o com o corpo e fica frente à Gertrudes, cheia de ameaças e provocações.

O Zé toma o caso a brincar, procura explicar a casualidade daquele encontro, separa-as e vai para a sua vida. A Luzia, porém, que já andava desconfiada e não é mulher fácil de enganar, vai direita à Gertrudes, insulta-a, chama outras mulheres que por ali andam, conta-lhes o que se passa e arma-se uma grande zaragata em que todas estão do lado da Luzia. Fingindo-se insensível a tantos ditos, a Gertrudes afasta-se.

O Francisco Inácio aparece, já com muito vinho. Coitado! Perdeu a mãe, o pai morreu no mar e a Maria Loura, a quem tanto se dedicou, trocou-o pelo Faneca, com quem já acertou casamento. Não voltou ao mar, bebe para esquecer e já é mal visto pelos companheiros. A Maria Loura aproxima-se com o Faneca, tão presos um ao outro, que nem dão pelo Francisco Inácio, que se afasta amargurado de ciúme.

O mar está mau e a Maria Cândida vem tentando dissuadir o Toino de partir com a sua companha. Os homens caminham silenciosos, as mulheres vêm agitadas, procurando convencê-los a não irem naquela maré, mas o mar é a vida, do mar vem o sustento, e eles gostam de dominar o perigo: — é o seu orgulho.

Resignadas, acompanham o barco até à água, vêem-no afastar-se galgando as ondas, agitam as capas até o perderem de vista e ali ficam paradas a rezar pelo seu regresso.

## SEGUNDO QUADRO

### Drama

*Anoitece. Dois garotos, — a Alzira Petinga e o Manuel Peixinho —, encontram-se e, alheios a tudo que os rodeia, dançam e riem, atraídos um para o outro pela revelação do amor.*

*O Francisco Inácio, que vem embriagadíssimo, pula, berra e chora desesperado. Quer esquecer a Maria Loura ; mas, vendo-a aparecer, agarra-a à força e beija-a. Ela consegue libertar-se, corre, grita e aparece o Faneca, que se atira ao Francisco Inácio, lutando ambos violentamente, apesar da Maria Loura tentar separá-los. Entretanto, outra tempestade se levantou e esta mais perigosa, pois as vagas são enormes e impedem os barcos de alcançar a praia. Nesse momento, todos esquecem os seus agravos para pensarem nos que estão em perigo e ir ajudá-los.*

*As mulheres, na praia, choram, gritam, acenam com archotes e fazem promessas. Pouco a pouco, a tempestade acalma, uma calmaria triste, cheia de lágrimas. Três mulheres choram a sua viuvez. O Faneca vem nos braços de Francisco Inácio, que o arrancou ao mar, mas já sem vida. Dois vultos de mulher os acompanham em grande pranto e o Francisco Inácio pensa que mais valera que Deus o levasse a ele, que não tem mãe, nem noiva para chorar.*

FRANCIS GRAÇA



# N A Z A R E T H

## ARGUMENT

### PREMIER TABLEAU

#### Gens de Mer

Après-midi de soleil qui touche à sa fin. Reflets incendiés du couchant. Sur la plage, on prépare les instruments de pêche. Hommes et femmes tirent sur la côte une barque qui vient d'arriver et les poissonnières s'approchent, les poissonnières incomparables de ce village, avec leurs tailles fines et leurs anches mouvantes comme le sable qu'elles piétinent. Transportant rames et filets, les pêcheurs passent, tandis que déjà retentit le son des trompes qui les appellent à la prochaine campagne.

José da Luzia, qui s'achemine vers son bateau, rencontre Gertrude, qui depuis longtemps le provoque, et aujourd'hui plus que jamais. Ils causent, échangent des regards chargés de désir et, au moment où ils vont se séparer, ils sont surpris par Luzia, femme de José, qui les surprend dans les bras l'un de l'autre. Elle se précipite vers son homme, le couvre de son corps, et fait face à Gertrude, en une attitude de menace et de défi.

José ne prend pas l'affaire au sérieux. Il essaie d'expliquer le hasard de cette rencontre, sépare les deux femmes, et s'en va à son travail. Luzia cependant, qui depuis longtemps soupçonne quelque chose, et qui n'est pas femme à se laisser tromper, va droit à Gertrude, l'insulte, appelle les autres femmes et leur raconte ce qui se passe. Surgit une grande discussion, où toutes sont du côté de Luzia. Gertrude, feignant l'indifférence à tout ce tumulte, s'éloigne.

Apparaît Francisco Inácio, qui a déjà bu son compte. Pauvre homme ! Il a perdu sa mère, son père est mort en mer, et Maria Loura qu'il aimait tant, l'a échangé contre Faneca, à qui elle a promis mariage. Il n'est plus retourné en mer, il boit pour oublier, et ses compagnons le regardent d'un mauvais œil... Maria Loura s'approche, avec Faneca, si serrés l'un contre l'autre qu'ils ne voient même pas Inácio, qui s'éloigne, rongé par la jalousie.

La mer est mauvaise et Maria Candida cherche à dissuader Toino de s'embarquer. Les hommes marchent silencieux, les femmes sont inquiètes, cherchent à les convaincre de ne pas partir par une mer pareille ; mais la mer, c'est la vie ; la mer, c'est le pain ; et ils aiment à dominer le danger, c'est leur orgueil. Résignées, les femmes les accompagnent jusqu'au bord du rivage, voient leurs barques s'éloigner en dansant sur les flots, agitent leurs mantes jusqu'à ce qu'ils aient complètement disparu, et restent là, immobiles, priant pour leur retour.

## DEUXIÈME TABLEAU

### Le Drame

La nuit tombe. Un gamin et une gamine se rencontrent et, étrangers à tout ce qui les entoure, rient et dansent, attirés l'un vers l'autre par la révélation de l'amour. Francisco Inácio arrive, complètement ivre, crie et sanglote, désespéré. Il voudrait oublier Maria Loura. Mais voici que survient cette dernière. Alors il la saisit et l'embrasse par force. Elle parvient à se libérer, s'enfuit en criant. Survient Faneca, qui se précipite sur Francisco Inácio ; une violente lutte s'engage, malgré Maria Loura qui essaie de les séparer.

Cependant, une autre tempête se lève, beaucoup plus dangereuse : la mer déferle en vagues énormes, empêchant les barques d'atteindre le rivage. En ce moment, tous oublient leurs querelles pour ne penser qu'à ceux qui sont en danger.

Les femmes, sur la plage, brandissant des torches, pleurent et se lamentent, font des promesses.

Peu à peu, la tempête s'est calmée... calme plein de tristesse, baigné de larmes. Trois femmes pleurent leur veuvage. Francisco Inácio arrive, transportant dans ses bras Faneca, qu'il vient d'arracher à la mer, mais déjà sans vie. Deux ombres de femmes l'accompagnent, en sanglotant. Et Francisco pense qu'il aurait mieux valu que Dieu l'ait rappelé, lui qui n'a plus ni mère ni fiancée pour le pleurer.

FRANCIS GRAÇA

# O HOMEM DO CRAVO

## ARGUMENTO

*N*as cerimónias supersticiosas praticadas ainda há pouco em algumas romarias portuguesas, descobriam-se indeléveis vestígios tradicionais do culto das Tesmofórias, ou festas em honra de Ceres, deusa da agricultura no fabulário mitológico.

*De véspera, no vasto terreiro, ardia em altas labaredas um grande e bojudo forno e era devoção que os romeiros, sem cessar, alimentassem com lenha o fogo do milagre.*

*Amassava-se ao mesmo tempo, no extremo da localidade, um enorme e vistoso bolo, ou fogaça, de farinha de milho por espoar e sem sal, que, lá para a tarde do grande dia, era conduzido aos ombros de quatro homens, à frente da procissão e do andor da Virgem Nossa Senhora invocada.*

*Solenemente, então, em cumprimento de promessa, um homem destemido fazia com muito respeito três vénias à Virgem e avançava até ao andor, de onde tirava um cravo vermelho, que a imagem tinha aos pés. Tirada a flor, metia-a na boca e, sopessando o bolo, entrava com ele no forno em brasa, colocava-o ao centro e saía meio curvado, agitando o chapéu cá fora, em sinal de triunfo.*

*No dia seguinte, com grande pompa, era o bolo retirado do forno, feito em torresmo, e distribuía-se na igreja pelos devotos, que guardavam cuidadosamente os pedacinhos, como remédio santo para males do corpo e da alma.*

*Tal é a génese do bailado O HOMEM DO CRAVO, em que as fogaceiras, tendo amassado e enfeitado o bolo da festa, seduzem e incitam os camponeses a fazer a sua deposição no forno em brasa.*

*Mas os rapazes, que sempre brincam com o fogo por amor das raparigas, diante de tamanha temeridade, deixam-se vencer pelo desânimo.*

*Uma há, porém, que, num apelo atormentado e ansioso, leva mais alto os seus pensamentos.*

*E o voto cumpre-se, por milagre de amor e de um cravo vermelho colhido aos pés da Virgem Nossa Senhora invocada.*

FRANCISCO LAGE

# L'HOMME À L'OEILLET

## ARGUMENT

Dans les diverses cérémonies superstitieuses pratiquées il ya a peu de temps encore dans quelques fêtes religieuses locales du Portugal (les fameuses «romarias», — à la fois fêtes et pèlerinages), on découvrait des vestiges indélébiles du culte traditionnel des Thesmophórias, ou fêtes en l'honneur de Cérés, déesse de l'agriculture dans la mythologie classique.

La veille, sur la place de l'Eglise, était placé, parmi les hautes flammes, un four large et ventru, et le rite voulait que les pèlerins, sans cesser, alimentassent, en y jetant du bois, le brasier du miracle.

Au même moment, à l'autre extrémité du village, on pétrissait, avec de la farine de maïs et sans sel, un énorme et magnifique gâteau, ou fouace, qui, le grand jour venu, était transporté sur les épaules de quatre hommes, en tête de la procession et devant l'image de la Vierge invoquée.

C'est alors que, solennellement, accomplissant sa promesse, un homme intrépide s'avancait jusqu'à la Statue, faisait trois révérences respectueuses, et prenait un des œillets rouges placés aux pieds de l'image.

Puis il mettait la fleur aux lèvres et, s'emparant de la fouace, entrait avec elle dans le four ardent, la plaçait au milieu, puis ressortait, courbé en deux, en agitant son chapeau en signal de triomphe.

Le jour suivant, en grande pompe, le gâteau était retiré du four, complètement brûlé; il était distribué au cours de la messe aux fidèles, qui en gardaient soigneusement les petits morceaux, comme remède sacré contre les maux du corps et de l'âme.

Telle est la genèse du ballet L'HOMME A L'OEILLET, où les fouacières, après avoir pétri et orné le gâteau de la fête, incitent les paysans à le déposer dans le four embrasé.

Mais les garçons, qui jouent toujours avec le feu par amour des filles, se laissent ici décourager par la témérité d'une telle aventure.

Il en est un, cependant, qui en un appel de tourment et d'angoisse, élève plus haut ses pensées.

Et le voeu s'accomplit, par le miracle de l'amour et de l'œillet recueilli aux pieds de la Vierge invoquée.

FRANCISCO LAGE



1952

OFICINA GRAFICA, LIMITADA  
Rua da Oliveira ao Carmo, 8  
Telefone 22886 // LISBOA

~~SECRET~~

~~SECRET~~



1952

OFICINA GRAFICA, LIMITADA  
Rua da Oliveira ao Carmo, 8  
Telefone 22886 // LISBOA



AR



